

mo oriunda de desequilíbrios nesse sistema — desequilíbrios químicos no cérebro passíveis de correção por meio de drogas.

A obra de Jung — sua ênfase no inconsciente coletivo, sua noção de correlação sincrônica entre pessoas e eventos, sua definição mais abrangente do ser, incluindo arquétipos coletivos, imagens de unidade, totalidade e imortalidade — é, sob muitos aspectos, uma exceção de brilho ímpar dentre as muitas tendências da psicanálise e da psiquiatria clínica. Curiosamente, sua psicologia mais transpessoal tem provocado pouco impacto na ética central da psicoterapia.⁶

E essa ética, a ética geral do egocentrismo, deixou sua marca no pensamento de pessoas sem nenhuma experiência direta de psicanálise e congêneres, assim como a física de Newton coloriu o pensamento e a auto-imagem de muitas pessoas com pouca ou nenhuma experiência direta de laboratório científico. Tais coisas estão “no ar”, são o metro com que medimos a nós mesmos e a nosso comportamento. Tornaram-se a base de nossa “psicologia popular”.

Mas, se o objetivo da psicanálise e da psicoterapia era a auto-realização do indivíduo, seu fracasso está em sua incapacidade de produzir qualquer coisa deste tipo. As pessoas não estão em geral mais auto-realizadas do que estavam quando Freud começou sua obra. Ao contrário até, solidão e alienação — alienação tanto de si mesmo quanto dos outros — são mais tipicamente problemas de nosso tempo do que do tempo de Freud, como também o narcisismo que os reforça. Muitos analistas observaram que uma proporção muito maior dos problemas que levam os pacientes a procurarem sua ajuda têm suas raízes em desordens narcisistas da personalidade. No que toca à psicologia, conforme apontou Allen Bloom, “o único erro foi encorajar a crença de que, tornando-se mais ‘dirigidas para dentro’, descendo mais pelo caminho de ser isolado, as pessoas seriam menos solitárias”.⁷

O ser voltado inteiramente para si mesmo, sem nada a não ser ele mesmo como fonte de significado, verdade e valor, não recebe nutrição que o sustente. É como uma planta que foi colocada

num vaso debaixo de um barracão de jardim em vez de lá fora, no solo e sob a luz do sol. Logo suas raízes secam, e as folhas murcham. Nas palavras de Bloom, “deve haver um lado de fora para que o lado de dentro tenha significado”.⁸ Deve haver algo além de nós mesmos para nos dar um senso de propósito.

Há muito de louvável no detalhamento da obra de Freud e no desenvolvimento desta por seus seguidores. Seu trabalho de base na interpretação dos sonhos, sua articulação de importantes mecanismos de defesa (supressão, racionalização, projeção etc.) e sua análise básica dos estágios de desenvolvimento têm aplicação válida e duradoura para a compreensão da dinâmica da psique individual. Igualmente, há uma verdade evidente na afirmação da psiquiatria clínica de que alguns distúrbios do ser são o resultado de tumores cerebrais ou de desequilíbrios químicos. Mas isoladas, tais compreensões carecem de um contexto significativo. Não são adequadas enquanto *paradigma* para o modo como os seres humanos funcionam.

Creio que um entendimento da natureza quântica da pessoa, solidamente fundado na natureza mecânico-quântica da consciência em si, poderá nos oferecer tal paradigma, colocando, assim, as bases para uma psicologia da pessoa completamente diversa, não narcisista. Alguns dos seguidores de Jung argumentaram recentemente no sentido de que uma apreciação mais ampla da realidade quântica daria à própria visão mais ampla de Jung uma base mais científica, propiciando-lhe uma aceitação mais generalizada.⁹

A qualidade de entrelaçamento essencial da realidade quântica (incluindo-nos, pessoas quânticas), a visão quântica de que nosso lugar no aqui e agora, sem falar da eternidade, depende de aprofundarmos nosso relacionamento com os outros e do compromisso necessário para alcançá-lo — o conceito de que eu *sou* meus relacionamentos —, todas essas coisas exigem uma reviravolta total em nosso modo habitualmente egocêntrico, e portanto alienado, de ver as coisas. Um exame mais acurado da natureza do próprio compromisso, a força motriz que nos liga a qual-